

REPRESENTAÇÕES,
REPRESENTATIVIDADES
E DISMORFIAS:
MIDIATIZAÇÃO DAS
IDENTIDADES

[ARTIGO]

Ricardo Alexino Ferreira

*Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes*

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

“Representações” e “representatividades” não são palavras sinônimas, mas trazem a problematização dos negros e de outros grupos das diversidades em suas interseções com a mídia. Este artigo procura conceituar os termos e demonstrar as diferenças de entendimentos entre o discurso científico e o da militância. Atualmente, representatividades têm sido amplamente faladas e positivadas, principalmente em produtos midiáticos. Alguns grupos sociais negros consideram que o simples fato de haver protagonistas negros em mídias, uma maioria de atores negros em uma obra ou apresentadores negros em telejornais, já seria suficiente para falar em representatividade. Por outro lado, o termo representação, tido como linhas de pesquisa desde o final dos anos 1980, tem sido reelaborado e desenvolvido em um campo epistemológico que possibilita entender os fenômenos étnico-sociais, desconstruindo e reconstruindo o termo representatividade, colocando-o em um contexto mais crítico.

Palavras-chave: Representações. Representatividades. Dismorfias. Identidades. Mídia.

Representations and representativities are not synonymous words, but bring the problematization of blacks and other groups of diversities in their intersections with the media. This article seeks to conceptualize the terms and demonstrate the differences of understanding between scientific discourse and that of militancy. Currently, representativities have been widely spoken and positivized, especially in media products. Some Black social groups consider that the mere fact of having Black protagonists or a majority of Black actors in a work or Black presenters on television would be enough to talk about representativity. On the other hand, the term representation, which has been considered as a research line since the late 1980s, has been reworked and developed in an epistemological field that makes it possible to understand ethnic-social phenomena and to deconstruct and reconstruct the term representativity and place it in a more critical context.

Keywords: Representations. Representativities. Dismorfias. Identities. Media.

Las representaciones y las representaciones no son palabras sinónimas, sino que traen la problematización de los negros y otros grupos de diversidades en sus intersecciones con los medios de comunicación. Este artículo pretende conceptualizar los términos y demostrar las diferencias de comprensión entre el discurso científico y el de la militancia. En la actualidad, las representatividades han sido ampliamente habladas y posicionadas, especialmente en los productos de los medios de comunicación. Algunos grupos sociales negros consideran que el mero hecho de tener protagonistas negros o una mayoría de actores negros en una obra o presentadores negros en la televisión sería suficiente para hablar de representatividad. Por otra parte, el término representación, que se ha considerado como línea de investigación desde finales de los años ochenta, se ha reelaborado y desarrollado en un campo epistemológico que permite comprender los fenómenos étnico-sociales y deconstruir y reconstruir el término representatividad y situarlo en un contexto más crítico.

Palabras clave: Representación. Representaciones. Dismorfismos. Identidades. Medios de comunicación.

Preâmbulos

Na história da mídia no Brasil, é possível entender que existe um antes e depois de 1988 na abordagem dos grupos das diversidades, principalmente, em um primeiro momento, na abordagem das questões étnico-raciais. Mas é possível perceber que aquele ano vai, também, impactar as pesquisas acadêmicas no campo das diversidades, que começam a repensar conceitos como representações e representatividades.

O ano de 1988 é um ano não só atípico, mas que esboça o surgimento dos neo-cidadãos. Ou seja, aqueles segmentos das diversidades que reivindicam as suas visibilidades e maior participação nas questões sociais, políticas, econômicas, educacionais, culturais.

Naquele ano, os reflexos dos movimentos das *Diretas Já*, reivindicando a redemocratização do Brasil e eleições diretas para presidente, vão evidenciar a busca pela cidadania dos movimentos sociais negros se estendendo para os demais grupos das diversidades. Outro elemento marcante em 1988 foi o centenário da abolição da escravatura no Brasil, que teve muito mais características reflexivas do que comemorativas, impulsionando diversas instituições.

A Campanha da Fraternidade da Igreja Católica, por exemplo, elege, em 1988, como tema *A fraternidade e o negro, no centenário da abolição da escravatura no Brasil*, com o lema *Ouvi o clamor deste povo!*¹ Toda

¹ As músicas foram cantadas pelo coral Cantafro (Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo), tendo em muitas delas sonoridades afro-brasileiras com uso de instrumentos de percussão.

a liturgia, naquele ano, passa a ter enfoque na questão étnico-racial. Já no intróito da missa, a música *Olha que eu vim de lá*, dá o tom². Assim como a música *Quilombo de ontem*³ e todas as demais são evocadas como reflexão sobre o racismo.

O Carnaval de 1988, na cidade do Rio de Janeiro, também vai ter como tema o negro. A escola vencedora foi o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Vila Isabel, com o samba-enredo *Kizomba, a festa de uma raça*.

Outro fato que iria provocar movimentações naquele período foi a sanção da Organização das Nações Unidas (ONU) contra a África do Sul, que mantinha em vigor o regime de apartheid e a manutenção da prisão de Nelson Mandela.

Mas o fator preponderante para chamar a atenção do racismo no Brasil foi o Projeto de Lei nº 688 do constituinte Carlos Alberto Caó, que acabou se tornando a lei nº 7.716/1989, tipificando o crime de racismo com pena de prisão. A lei substituiu a nº 1.390, de 1951, conhecida pelo nome do seu idealizador Afonso Arinos, que tratava o racismo como contravenção penal.

Todos esses fenômenos em 1988 provocaram agendamentos importantes na mídia, chamando a atenção do racismo no Brasil. Na dissertação *A representação do negro em jornais, no centenário da abolição da escravatura no Brasil* (FERREIRA, 1993), defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

² Ver: CF 1988 | OLHA..., 2020.

³ Ver: CF 1988 (K7) | OS..., 2020.

(ECA-USP), consegui levantar e analisar mais de 2.500 recortes de jornais (nacionais, locais e regionais) sobre questões étnico-raciais.

Era possível perceber que nas páginas dos jornais o negro migrava das editorias de Esportes (com ênfase em futebol), de Polícia e de Cultura (com ênfase no samba) para outras editorias como Economia, Educação, Comportamento, Ciência. Mesmo em Esportes, começava a evidenciar como notícia outras categorias, que iam além do futebol; nas editorias de Cultura, havia abordagem de outras atividades da participação do negro no espectro cultural, que não se reduziam ao samba.

Naquele período cresce significativamente o número de matérias abordando casos de racismo, Brasil a fora, mas a maior parte das matérias se concentrava no eixo Rio-São Paulo. Um dos primeiros entraves que os jornalistas vão ter nessas coberturas é com as terminologias. Em um primeiro momento, tem-se desde termos como “pessoas de cor”; “crioulo”; “preto” até que se define, por certa pressão dos movimentos sociais, o termo “negro”. Outra dificuldade que se pôde perceber na análise dos jornais foi a dificuldade de desconstruir o estereótipo do negro, visto como marginal social, para o entendimento de que existia uma classe média negra, em ascensão naquele momento.

Além das mudanças que começam a surgir na imprensa, em relação ao negro, outros grupos sociais começam também a ter mais visibilidade, como o grupo GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), que foi uma expressão cunhada pelo jornalista André Fischer, em sua coluna na *Revista*

da Folha. Percebeu-se também uma grande dificuldade dos jornalistas em noticiar esse segmento, desde as terminologias e a desconstrução de estereótipos.

Os estudos das representações como campo científico e observatório das mídias

A partir dessas mudanças político-sociais-culturais, adentrando os anos 1990, iniciavam-se pesquisas sobre representações. Na ECA-USP, no Departamento de Comunicações e Artes, a professora Solange Couceiro, integra a linha de pesquisa *Representações e Ideologia*, em que irá desenvolver relevantes trabalhos sobre Comunicação e Etnia, bem como agregar orientandos nesta área. O principal foco de análise se tornam as mídias impressas (jornais e revistas), eletrônicas (televisão e rádio), mas também filmes e artes expressivas (como teatro e dança/performances) e, também, peças publicitárias e de propagandas. Vale lembrar que no início da década de 1990, a internet e as redes sociais ainda eram um esboço do que seriam hoje e ainda não eram objetos importantes de estudos.

As primeiras pesquisas sobre representações nas mídias se consolidam naquela década. Muitas utilizam a metodologia Análise de Conteúdo para os estudos de mídia e etnia. Mas também percebe-se que correntes teóricas como Escola de Frankfurt (Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas); Escola Sociológica Europeia (Umberto Eco, Edgar Morin, Roland

Barthes, Jean Baudrillard); Nova Esquerda Alemã (Hans Magnus Enzensberger); Teoria das Mediações (Jésus Martin –Barbero) e Estudos Culturais (Stuart Hall; Richard Hoggart; Raymond Williams; Thompson são amplamente utilizadas).

As fases de estudos das representações de negros e demais grupos das diversidades na mídia podem ser entendidas em três grandes fases: a primeira fase, verificando a quantidade de negros e demais segmentos das diversidades em produções midiáticas; a segunda fase, a análise de conteúdo e análise de discurso dessas produções; a terceira fase a revisão das duas fases anteriores.

Ou seja, as pesquisas desenvolvidas na terceira fase começam a fazer uma revisão crítica de que a introdução de mais negros na mídia não indicam necessariamente algo positivo ou pluralidade e a necessidade de rever se essa interseção é orgânica e estrutural ou se é pontual para dar aparência de multiculturalidade. Também se começa a pensar na proporcionalidade como elemento importante.

O final dos anos 1990 vão buscar criar uma epistemologia nos estudos das Representações e um apuramento das pesquisas utilizando como ferramentas teóricas e metodológicas a Análise de Conteúdo.

Com o advento das redes sociais na internet, passando pelo Orkut e depois se firmando com o Facebook, Twitter, Instagram e outras organizações, os movimentos sociais começam a utilizar essas ferramentas buscando autonomia para expressar as suas ideias, ideologias, percepções e como forma de comunicação com os seus pares.

Das representações para as representatividades disfórmicas: representatividade versus proporcionalidade

Assim, começa um movimento interessante em que os grupos sociais evocam a representatividade imagética como elemento político necessário para o antirracismo. Essa representatividade deveria também se apropriar do lugar de privilégio do branco. No caso, a legitimação do antirracismo se manifestaria, por exemplo, sobre o lugar que o negro ocuparia na estrutura midiática. Estar frente às câmeras ou em destaque visual se tornava um elemento fundamental para o entendimento da representatividade, no entendimento dos movimentos sociais negros.

Isso era bem distinto dos estudos desenvolvidos por pesquisadores, que observaram que não é suficiente que indivíduos negros, por exemplo, estejam à frente das câmeras como apresentadores ou atores se a participação de negros como editores, diretores e outros cargos de comando são exíguos. Porém, na era das redes a visibilidade da imagem em destaque, mesmo que ínfima, já é suficiente.

Um caso bastante interessante foi a satisfação dos movimentos sociais negros que celebraram a jornalista Maria Julia Coutinho como apresentadora do *Jornal Hoje*, produzido pela Rede Globo de Televisão, que tem abrangência nacional.

Em fotos de divulgação produzidas pela emissora, é possível observar a apresentadora Maria Júlia Coutinho em destaque e a equipe de produção e edição constituída,

quase integralmente, por profissionais brancos. Apenas é identificada uma única pessoa negra na foto da equipe do telejornal.

Os movimentos sociais celebravam ter uma das poucas apresentadoras à frente

das câmeras e muitos não atentaram para o que se podia ler claramente ao fundo da imagem, que o negro não constituía uma realidade na ocupação profissional daquele espaço. Abaixo, foto postada por Maria Julia Coutinho em sua página no Instagram:

[Figura 1]
Equipe do Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão, com pouca representatividade étnico-racial.



Fonte: Instagram (@majucoutinhoreal) (30 set. 2019).

Uma internauta postou algo importante para a compreensão do fenômeno, no Instagram:

[Figura 2]
Internauta critica a falta de representatividade na equipe do Jornal Hoje.



juraedu Quem simbólica é essa foto por mostrar que conquistamos a batalha, mas não vencemos a guerra, pois comemorar a presença de uma mulher negra na condução de uma dos principais programa de jornalismo da gobo é uma importante vitória, por outro lado, é necessário perceber que ao lado dessa mulher não tem nenhuma pessoa negra desfrutando também dessa conquista, deste espaço. É a presença e ausência em uma só foto. Imagem política.



1d 1 curtida Responder

Fonte: Instagram (@majucoutinhoreal) (1 out. 2019).

A presença de Maria Júlia Coutinho à frente do *Jornal Hoje* também trouxe muitas matérias constatando que os traços fenotípicos e penteados de cabelo da apresentadora produziam efeitos positivos nas crianças⁴.

[Figura 3]

Criança se identifica com imagem da apresentadora Maria Júlia Coutinho



Fonte: Leal (2019).

Esse fenômeno tem levado ao desenvolvimento de pesquisas para entender por qual motivo há o contentamento de negros com a representatividade e pouco se evoca a proporcionalidade?

Os casos na perspectiva da representatividade têm sido frequentes. Em dezembro de 2019, a sul-africana Zozibini Tunzi foi corada Miss Universo, em Atlanta, nos Estados Unidos, sendo a quinta negra a ganhar o título, em 68 edições do concurso.

[Figura 4]

Zozibini Tunzi



Fonte: Conheça... (2019).

4 Ver: FERREIRA, 2019.

As outras quatro negras premiadas na história do concurso Miss Universo foram, de acordo com Estevão (2019):

[Figura 5]

Janelle Commissiong: primeira miss universo negra



Fonte: Conheça... (2019).

Janelle Commissiong foi eleita em 1977 como a primeira Miss Universo negra do mundo, após 25 anos de existência da premiação. Ela representou Trinidad e Tobago.

[Figura 6]

Chelsi Smith, miss universo em 1995

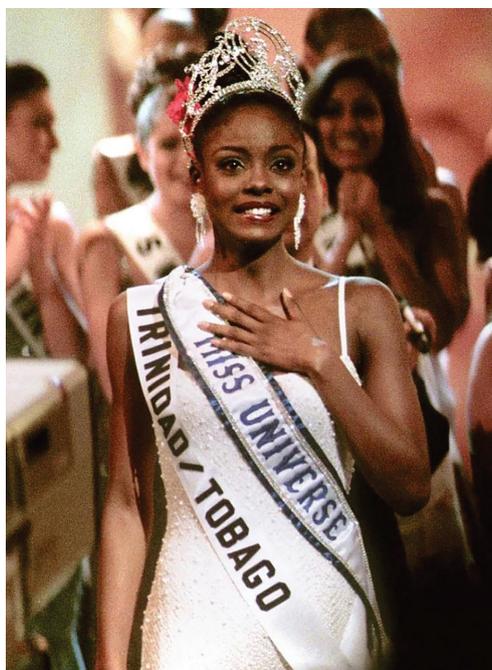


Fonte: Conheça... (2019).

Chelsi Smith, californiana, recebeu o título Miss Universo, em 1995.

[Figura 7]

Wendy Fitzwilliam: eleita miss universo em 1998



Fonte: Conheça... (2019).

Em 1998, Wendy Fitzwilliam foi eleita Miss Universo. Representando Trinidad.

[Figura 8]

Leila Lopes, miss universo 2011



Fonte: Conheça... (2019).

Em 2011, a angolana Leila Lopes foi coroada Miss Universo.

Apesar de terem sido consagradas como símbolos da representatividade negra, estas cinco misses Universo podem ser analisadas de diferentes formas. Utilizando a análise de conteúdo, é possível observar que nem sempre a representatividade, por si só, significa avanços. Um dos primeiros pontos a observar é que fenotipicamente todas as misses Universo negras têm traços afilados, europeizados.

Outro elemento de análise é que concursos de beleza são excludentes e sempre preteriram os traços físicos negros, valorizando o fenótipo caucasiano. Além do mais, como é possível classificar a pessoa mais bela do planeta, como representação de todas as outras? Por qual motivo representantes de concursos de beleza têm o mesmo tipo de corpo? Concursos de beleza sempre foram a essência da discriminação, incompatíveis com a ideia de antiracismo, diversidade ou de equidade social.

Dessa forma, a representatividade de misses Universo negras precisa ser repensada sob esses mais diferentes aspectos. Os concursos de beleza, em suas essências, são racistas.

Outro caso que colocou em xeque o sentido de representatividade foi o casamento do príncipe Harry e a atriz Meghan Markle, em 2018, sendo bastante coberto pela mídia. Muitas pessoas negras consideraram positiva e marco de representatividade a entrada de uma mulher negra no seio da família real britânica.

No entanto, os grupos sociais negros que viram um avanço na representatividade não observaram com mais intensidade que uma mulher negra na família real britânica

não significa grandes avanços, ainda mais quando se analisa esse fenômeno no contexto da escravização e colonização promovida pela Inglaterra. Aliás, parece que cria grande fascínio nas pessoas as identidades monárquicas. Reis, rainhas, príncipes e princesas parecem povoar o imaginário de poder de negros e não-negros.

Nos últimos anos, o filme *Pantera Negra*, de Ryan Coogler, da Marvel, tem sido exaltado como a representatividade negra. Nas últimas semanas, com a morte do ator, que protagonizou o herói do filme, Chadwick Boseman, voltou à tona a importância do *Pantera Negra* como um filme que traz a representatividade negra e aciona o orgulho negro de ser negro.

Em artigo que escrevi *Filmes, lucros e infantilização das diversidades* (FERREIRA, 2018), eu contestava que considerar que o *Pantera Negra* era um filme da representatividade negra brasileira era por demais equivocado. O filme representa a ideologia estadunidense de guerra e morte. Durante o filme são centenas de mortes violentas, explosões e estereótipos. A visão idealizada do que seria a cultura africana, chega a ser por demais infantilizada. No filme, o estereótipo de que a África se reduz a um país se repete; a ideia do cientista louco e impulsivo, na pele da personagem Shuri, irmã de T'Challa (o Pantera Negra), como cientista empoderada é por demais caricato.

A presença de muitos atores e atrizes negros em *Pantera Negra* traz a questão da representatividade, mas sobre qual representatividade real o filme aborda? Como o negro brasileiro pode se ver em um roteiro tão estadunidense? Quais foram os recursos de marketing utilizados para

fazer do *Pantera Negra* um filme de representatividade negra, não só no Brasil, mas em vários países, transformando-o em um sucesso de bilheteria? O *Pantera Negra* fechou o ano de seu lançamento, em 2018, com US\$700 milhões, tornando-se a maior bilheteria de um filme da Marvel nos EUA naquele ano.

Deduz-se que representatividade não vem apenas com a quantidade de negros na produção e os seus protagonismos. Também é preciso avaliar o contexto, as conexões e as abordagens feitas. No caso de um filme, é necessário observar o roteiro, as representações simbólicas e as narrativas.

Esses impulsos midiáticos de grupos sociais de ver representatividades pelo protagonismo e quantidade de personagens étnicos presentes pode criar aquilo que é chamado de dismorfias, em que a imagem retratada provoca distorções no olhar do espectador, pertencente ao público-alvo.

Os estudiosos das representações étnico-sociais têm um grande desafio neste momento que é entender como as representatividades são colocadas nas redes sociais e como elas podem ser entendidas à luz das metodologias científicas. ■

[RICARDO ALEXINO FERREIRA]

Professor associado (livre-docente) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e professor permanente do programa de pós-graduação interdisciplinar Humanidades, Direitos e outras Legitimidades (USP).
E-mail: alexino@usp.br

Referências

CF 1988 | OLHA, que eu vim lá de longe (canto de entrada). [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Relíquias da Música Católica. Disponível em: <https://bit.ly/3nD1Feu>. Acesso em: 22 dez. 2020.

CF 1988 (K7) | OS quilombos de ontem. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Relíquias da Música Católica. Disponível em: <https://bit.ly/38wxwHm>. Acesso em: 22 dez. 2020.

CONHEÇA as únicas 5 mulheres negras eleitas Miss Universo em 68 anos de concurso. Máxima, São Paulo, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3oG8P1j>. Acesso em: 22 fev. 2020.

ESTEVÃO, Ilca Maria. Zozibini Tunzi é a quinta mulher negra coroada Miss Universo. **Metrópoles**, Brasília, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/38wpwGk>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **A representação do negro no centenário da abolição da escravidão no Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

FERREIRA, Ricardo Alexino. Filmes, lucros e infantilização das diversidades. **Jornal da USP**, São Paulo, 30 mar. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/38yrXZg>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FERREIRA, Yuri. Maju zera jogo da representatividade com vídeo de fã mirim elogiando cabelo: “não dá pra resistir”. **Hypeness**, São Paulo, 24 nov. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/37I79PA>. Acesso em: 22 dez. 2020.

LEAL, Rafaela. Criança que viralizou em vídeo com Maju conta admiração pela apresentadora: ‘cabelinho igual o meu’. **G1**, Teresina, 27 nov. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/3pGhu50>. Acesso em: 22 dez. 2020.